

## APRESENTAÇÃO

Suellen Cordovil da Silva (UNIFESSPA)

Enéias Tavares (UFSM)

Roberto de Sousa Causo (pesquisador independente)

O *boom* da ficção científica (FC) mundo afora precede – ou procede – do incremento da rede digital, por meio de computadores e outros suportes tecnológicos, como *notebooks*, *tablets*, *smartphones*, *smart tvs* e *outros*. Esse fenômeno retroalimenta a literatura, o cinema, a televisão, os *videogames* e os jogos analógicos, fomentando o investimento de editoras em novos autores e autoras. Diante disso, a universidade também passou a prestar mais atenção a essa produção – como exemplificam os estudos pioneiros de Francisco Alberto Skorupa, *Viagem às Letras do Futuro: Extratos de Bordo da Ficção Científica Brasileira: 1947-1975* (2002); Roberto de Sousa Causo, *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil: 1875 a 1950* (2003); e M. Elizabeth Ginway, *Ficção Científica Brasileira: Mitos Culturais e Nacionalidade no País do Futuro* (2004) –, levando igualmente ao aumento significativo de eventos e grupos de pesquisa dedicados ao tema, e à existência de um periódico como *Abusões*.

Desse modo, tanto a produção ficcional – apoiada por editoras de pequeno, médio e grande porte – quanto a teórica e crítica – do sul ao norte do país, como exemplificam as instituições nas quais dois dos organizadores deste número trabalham – vivem um mesmo *boom* em torno da FC, parcialmente propellido por um novo

entendimento da função do gênero e das produções midiáticas no questionamento de papéis sexuais e problemáticas identitárias e étnicas, como também motivado pelo crescente interesse de novos alunos e pesquisadores.

Quando propusemos esse número de *Abusões* – com o provocativo e convidativo tema “O boom da ficção científica (FC)” – nosso objetivo foi trazer à baila artigos produzidos no Brasil e no estrangeiro que analisassem o caso específico do nosso país, não apenas ao retratar a FC do Brasil, mas sobre o Brasil. Assim, abrimos o escopo para questões sobre gênero e subgênero – como *cyberpunk*, *steampunk*, *tupinipunk* ou *afropunk*, entre outras –, sobre as relações interartes da FC em *media* variados, como cinema e quadrinhos, e sobre perspectivas teóricas, conceituais e historiográficas acerca da FC em sua diversidade, além de leituras críticas e interpretativas de obras ou autores em perspectiva comparatista ou não.

As submissões que recebemos resultaram num conjunto muito significativo de textos que ilustram, ao nosso ver, o alcance da produção nacional do gênero, exemplificando grande variedade de subgêneros, temas, perspectivas e ênfases interpretativas. Assim, nosso desafio foi o de selecionar os textos e depois dar a eles uma ordem que fosse minimamente coerente ao leitor ou leitora que percorrerá esse número em busca de um recorte da produção e da interpretação da FC brasileira.

O número abre com dois textos que analisam a produção feminina de FC no Brasil. Primeiro, Ana Rüsche e Pilar Lago e Lousa estudam um dos livros de contos de Dinah Silveira de Queiroz, *Comba Malina*, concentrando sua leitura na obra engajada e

imaginativa da autora imortal da Academia Brasileira de Letras. Depois, a autoria feminina continua sendo debatida, porém agora a partir de sua inserção no cinema de FC produzida em nosso país. Para tanto, Carolina de Oliveira Silva estuda os filmes *Kenoma* (1998), de Eliane Caffé, e *Acquaria* (2003), de Flávia Moraes.

Na sequência, Vítor Castelões Gama propõe um estudo sobre “A mulher mais bela do mundo”, conto de Roberto de Sousa Causo, a partir da noção da “antropologia reversa” de Roy Wagner. Expondo outra dimensão da produção de FC no Brasil, neste caso na seara das histórias em quadrinhos, Lielson Zeni propõe um estudo quantitativo deste cenário nos últimos dois anos, apresentando não apenas informações numéricas como dados reveladores de sua importância no mercado atual e também na recepção de editores e editoras.

Por sua vez, Ricardo Celestino analisa a constituição enunciativo-discursiva no conto de Cirilo S. Lemos “Menina bonita bordada em entropia”. Usando a Análise do Discurso de corrente francesa, Celestino questiona as formações discursivas da FC, da Física e da metaficção, encontrando na ficção de Lemos exemplos ilustrativos desses campos. Indo em outra direção, menos textual e mais contextual, Marcos Antonio Maia Vilela propõe uma leitura da crítica que Humberto de Campos faz da FC de Berilo Neves, num estudo que não apenas opõe historiografia e crítica como também reflete sobre os elementos definidores do gênero na primeira metade do século XX.

A segunda metade do dossiê estuda o *steampunk*, um subgênero de FC surgido na década de 1980 que tem ganhado mais autores e leitores em nosso país. Analisando seu surgimento nos EUA e sua primeira recepção no Brasil – em duas coletâneas

publicadas em 2009 e 2010 –, Enéias Tavares discute quais seriam os elementos de ambientação e caracterização que definiriam esse modo narrativo. Na sequência, a produção ficcional de Tavares é analisada por Suellen Cordovil da Silva e Adriana Claudia Martins a partir dos elementos retrofuturistas presentes no romance *A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison* (2014). Já Alexander Meireles da Silva analisa *Guanabara Real: A Alcova da Morte* (2017), romance escrito a seis mãos por Nikelen Witter, A. Z. Cordenonsi e Tavares, a partir não apenas de sua releitura do gênero como também da cultura brasileira oitocentista retratada e recriada no romance, em especial em sua ambientação carioca.

Aprofundando o debate sobre o *steampunk*, o presente número da *Abusões* apresenta uma seção especial que publica – em tradução inédita – o artigo dos acadêmicos franceses Jean-Jacques Girardot e Fabrice Méreste: “O *Steampunk*: uma máquina literária de reciclar o passado”, texto originalmente publicado no periódico *Cycnos* em 2006. Nele, os autores defendem uma leitura do *steampunk* enquanto uma “literatura de reciclagem”, tanto da tradição literária como também de dados e tropos associados ao imaginário, à história e à sociedade do século XIX. Na sequência, Bruno Anselmi Matangrano – o tradutor do ensaio de Girardot e Méreste – propõe uma resposta aos críticos franceses, na qual não apenas responde à análise dos autores como também mapeia a história do *steampunk* na França.

Encerra o número uma entrevista com a pesquisadora norte-americana M. Elizabeth Ginway feita por Roberto de Sousa Causo. Nessa conversa, a especialista em FC brasileira fala sobre o estado da pesquisa nos EUA, sobre a produção nacional de literatura fantástica

e também traça algumas comparações com a FC de outros países. Por fim, duas resenhas ilustram um pouco da produção ficcional insólita produzida em nosso país. Primeiramente, Louise Farias da Silveira resenha o romance de horror psicológico *Bile Negra* (2018), do paulistano Oscar Nestarez, e depois Sergio Magalhães analisa a interpretação do folclore nacional executada pelo texano naturalizado brasileiro Christopher Kastensmidt no seu *A Bandeira do Elefante e da Arara* (2017).

Em tempos de redescoberta e necessária valorização da cultura brasileira, este número da *Abusões*, dedicado à FC brasileira, exemplifica várias e importantes vertentes deste modo narrativo, passando pela autoria feminina, pelo cinema, pelos quadrinhos, pelo *steampunk* e por outros autores e obras responsáveis pelo *boom* que o gênero vivenciou e vivencia em nosso país. Se a FC pode ser vista como criação de possíveis utopias ou então como alerta contra terríveis distopias, acreditamos que todas essas ficções e reflexões sobre um Brasil do futuro – ou do passado – sejam importantes para formar e engajar os leitores do presente.